



O livro digital na universidade: um estudo para a compreensão do produto e da sua relação com o leitor¹

Helton Rubiano de Macedo²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO

Objetivamos analisar dados quantitativos provenientes de uma pesquisa dirigida à comunidade acadêmica da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). A iniciativa partiu da Editora da UFRN (EDUFRN) com o objetivo de balizar estratégias de trabalho da EDUFRN com o livro digital. Os dados foram apresentados durante o Fórum para uma política do livro digital da Editora da UFRN, que teve o intuito de discutir práticas de seleção, produção, distribuição/ comercialização de livros em formato digital. O resultado esperado dessa ação foi o de traçar um esboço de uma política para o trabalho com livros digitais na EDUFRN. Aqui, relacionamos os dados com dimensões de análise defendidas por nós (MACEDO, 2014) para o entendimento de práticas socioculturais na relação do leitor com o livro digital.

PALAVRAS-CHAVE: Livro. Livro digital. Práticas socioculturais. Editora da UFRN.

1 Introdução

Em meados da década de 1940, Vannevar Bush (1890-1974), então diretor do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento Científico dos EUA, projetou o que seria o primeiro protótipo de uma máquina de leitura, conceito bastante familiar se comparada aos leitores eletrônicos da atualidade. O Memex, como foi chamado, trazia a ideia do acesso a uma teia com servidores de conteúdo informacional interligada, o que Bush considerava ser uma biblioteca universal do futuro, algo parecido com aquilo que posteriormente conheceríamos por World Wide Web (PROCÓPIO, 2010).

Em 1998, as empresas SoftBook Press e NuvoMedia Inc., ligadas ao mercado editorial, lançaram, talvez influenciadas pelas ideias de Bush, os leitores eletrônicos *SoftBook Reader* e o *Rocket eBook*, respectivamente. Ambos eram portáteis e

¹ Trabalho apresentado na DT 06 – Interfaces Comunicacionais do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 2 a 4 de julho de 2015.

² Jornalista. Doutorando no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (UFRN), área de concentração Linguística Aplicada, na linha de pesquisa Estudos de Práticas Discursivas. Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia (UFRN), na linha de pesquisa Estudos da Mídia e Práticas Sociais. É Editor de publicações da Editora da UFRN. E-mail: heltonrubiano@gmail.com.

capazes de armazenar em formato digital cerca de 5.000 páginas de livros, incluindo textos, gráficos, ilustrações e figuras (PROCÓPIO, 2010).

Figura 1 – *SoftBook Reader*.



Figura 2 – *Rocket eBook*.



Fonte: <<http://www.chozadigital.com/?p=712>>.

Fonte: <<http://bibliotecno.com.br>>.

Por esse histórico, é possível afirmar que, já há algum tempo, iniciativas vêm sendo realizadas com vista à fruição de conteúdo em meio digital. Mais recentemente, contudo, uma chamada “revolução digital” sobre livros impressos vem sendo alardeada como propulsora de mudanças radicais no modo como lemos. Seduzidos por uma realidade imediatista, em que o acesso rápido a produtos parece evocar o sonho da conquista do tempo pelo homem, a proposta da leitura em meios digitais empolga os entusiasmados usuários de tecnologias digitais e assusta aqueles que ainda preferem os meios analógicos quando se trata da leitura. Ainda é válida a afirmação de Lévy (1999, p. 52, grifo do autor), quando trata do universo do qual estamos falando:

A informação digitalizada pode ser processada automaticamente, com um grau de precisão quase absoluto, muito rapidamente e em grande escala quantitativa. Nenhum outro processo a não ser o processamento digital reúne, *ao mesmo tempo*, essas quatro qualidades.

O debate é crescente e está disseminado entre todos os atores da cadeia produtiva do livro. Cada um deles vem observando, analisando e agindo de maneira a manter seus espaços já conquistados ou mesmo ampliá-los para um novo nicho mercadológico. Nesse movimento, uma perspectiva apocalíptica é também percebida. A apreensão diante do novo assusta e estimula especulações. “É visível hoje a discussão acerca do livro em formato digital *versus* formato impresso. *Versus*. Em sentido de batalha. Alguns acreditam que a nova tecnologia irá tomar o público do livro impresso e reinar onipotente no mercado de publicações” (RUBIANO, 2015, p. 67). Apesar disso,



acreditamos que é possível pensar um caminho do meio, no qual formatos possam conviver em harmonia frente as necessidades individuais do leitor. O que é necessário, sem dúvida, é a reflexão acerca das novas possibilidades de apresentação e fruição de conteúdo até então visto apenas em formatos impressos. Pensar sobre novas condições de produção é configurar um produto mais adequado para a sua eficaz apropriação, realizada pelo público a quem ele é dirigido.

Nessa esteira de pensamento, elaboramos aqui uma avaliação sobre uma pesquisa voltada à comunidade acadêmica da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). A iniciativa partiu da Editora da UFRN (EDUFRN) com o objetivo de fornecer dados que pudessem balizar estratégias de trabalho da EDUFRN com o livro digital. Os dados foram apresentados durante o Fórum para uma política do livro digital da Editora da UFRN, que consistiu em uma ação de extensão da EDUFRN, com o intuito de discutir práticas de seleção, produção, distribuição/comercialização de livros em formato digital. O resultado esperado dessa ação foi o de traçar um esboço de uma política para o trabalho com livros digitais na EDUFRN. Trata-se, desse modo, de uma reflexão baseada no ponto de vista do produtor, tomados os dados provenientes de um público leitor.

2 Aporte teórico-metodológico

Para a realização dessa análise, tomamos, como pressupostos teórico-metodológicos, dimensões (como assim denominamos) elencadas e definidas em outro momento dos nossos estudos (MACEDO, 2014). As dimensões são: a *ritualidade*, a *simbologia*, a *materialidade* e a *forma*. Elas foram arroladas como próprias de livro impresso, considerando-as passíveis de relacioná-las com as práticas relativas ao livro digital. É fundamental salientar que não as compreendemos isoladamente, se apresentando, muitas vezes, inexoravelmente ligadas.

A elaboração desses eixos se deu partir de leituras, observações e auto-observações (partindo da constatação de que somos também leitores) do modo como se dá as relações leitor-suporte de leitura. Compreendemos essas relações como formas de reconhecimento e significação do livro, as quais entendemos interferir no modo como utilizamos a mídia livro como instrumento de obtenção de informação, conhecimento ou como simples fonte de entretenimento, ou seja, significados que geram repercussões na forma como fruímos o livro.



Resumidamente, aclaramos o entendimento dessas dimensões da seguinte maneira:

Ritualidade: conjunto de atitudes para a fruição de um livro, que requer movimentos próprios. Referimo-nos à posição do leitor com relação ao livro, somado ao espaço, ao tempo e às interações com outros indivíduos, no caso de práticas de leitura coletiva. Nesse sentido, corroboramos com Chartier (1994, p. 16) quando afirma que “a leitura não é somente uma operação abstrata de inteligência; ela é engajamento do corpo, inscrição num espaço, relação consigo e com os outros”.

Simbologia: refere-se à irradiação de sentido provinda do objeto livro. Mais especificamente trata do caráter representativo do objeto livro impresso. O livro como símbolo de conhecimento, da inteligência, de erudição. Na Alemanha da década de 1930, por exemplo, foram queimadas obras de escritores judeus e de outros também contrários ao regime nazista. Esse ato servia como alegoria para representar o desejo de eliminação das ideias impressas. Assim, compreendemos que o livro como símbolo dessas ideias.

Materialidade: diz respeito ao aspecto que vem caracterizar fortemente a imagem do livro. Quando indagada sobre essa mídia, parte considerável de leitores (e não leitores) remete-se ao conjunto de papéis, uns sobre os outros, pintados, colados, costurados, protegidos pela capa, dura ou flexível. Daí, entendemos, também surgem os contatos, as relações, as práticas. Temos aqui um envolvimento de intimidade na qual os sentidos do tato, do olfato e da visão participam.

Forma: no decorrer da milenar história do livro, as dimensões do livro foram constituídas sob diferentes modelos e buscaram, em cada época, e, se segundo as necessidades de cada sociedade, suas estéticas e composições. Um marco na história do livro foi a mudança na apresentação de conteúdos de rolo³ para códice⁴. Assim, pensamos que a forma interfere sensivelmente sobre diversas práticas sobre o livro impresso como objeto. Entre elas destacamos o armazenamento e o transporte.

3 Análise

Para a realização da pesquisa, utilizou-se um questionário *online*, criado com o auxílio do *Google Docs*, pacote de aplicativos do Google composto por editores de

³ O rolo era feito de papiro ou pergaminho (pele animal) e envolto sobre uma ou duas hastes cilíndricas de madeira ou outro material.

⁴ O códice consiste em um conjunto de folhas dobradas, formando cadernos, colados uns aos outros.



texto, de apresentações, de planilhas e de formulários. O link para acesso ao questionário foi disponibilizado por meio de matérias em boletim de notícias da UFRN e por meio de redes sociais da EDUFRN. As respostas aqui incluídas foram dadas no período de 8 de novembro de 2013 a 2 de março de 2014, totalizando 144 respostas.

As primeiras três questões (Tabelas 1, 2 e 3) nos permitem traçar um perfil da comunidade leitora para a qual estávamos dirigidos. A primeira delas, perguntava se os informantes eram ou não leitores de livros digitais. Desses, 86,1% responderam sim. Isso vem afirmar que estávamos lidando com um grupo leitor de livros digitais e que as informações dali pudessem ser subtraídas seriam de grande relevância aos nossos interesses. A segunda questão se referia ao tipo de vínculo com a UFRN: se estudante ou professor. A maioria dos informantes foi de estudantes (90,3%), nos diversos níveis oferecidos pela instituição (técnico, graduação e pós-graduação). Quando se tratou da área do conhecimento⁵ à qual estava vinculado, 34,7% responderam estar ligados às Ciências Humanas, Letras e Artes. Em seguida, foi indicada a área de Tecnologia (25%), bem próxima das Ciências Sociais Aplicadas (23,6%). Em um primeiro momento, pensou-se que a área de Tecnologia estaria mais afinada com o uso de livros digitais. Porém, essa ideia não se refletiu na pesquisa. Conjecturamos que isso se deve ao fato de que o maior público da EDUFRN ser proveniente do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, no qual estão aninhados os cursos que veem a publicação de livros com mais interesse do que a área de Tecnologia, uma vez que a primeira privilegia esse tipo de publicação, enquanto que a segunda valoriza a publicação de artigos em periódicos bem qualificados.

Tabela 1 – Você lê livros em formato digital?

Sim	86,1%
Não	13,9%

Tabela 2 – Qual o seu vínculo com a UFRN?

Estudante	90,3%
Professor	9,7%

⁵ Dividimos as áreas de conhecimento, conforme elas se compartimentalizam na forma de Centros, dentro da UFRN.



Tabela 3 – A qual área do conhecimento está vinculado?

Ciências Humanas, Letras e Artes	34,7%
Tecnologia	25%
Ciências Sociais Aplicadas	23,6%
Ciências Exatas e da Terra	6,3%
Biociências	4,2%
Ciências da Saúde	3,5%
Educação	2,8%

A quarta questão (Tabela 4) referiu-se ao formato digital utilizado pelos informantes, que puseram o PDF no topo da lista com 81,9%. O PDF (do inglês *Portable Document Format*) é um formato de arquivo, desenvolvido pela Adobe Systems, no começo da década de 1990, para representar documentos de maneira independente do aplicativo, do *hardware* e do sistema operacional usados para criá-los. Desde então, ganhou popularidade e é conhecido até por usuários menos conectados ao universo informático. Em segundo lugar, ficou o formato EPUB (27,1%). O EPUB é um arquivo feito dos mesmos códigos usados por uma página simples da internet (HTML). O formato permite uma boa leitura em qualquer tipo de tela, independentemente do tamanho, ou do sistema. Ainda possibilita aumentar ou reduzir o tamanho da fonte, além de alargar ou diminuir o tamanho da página (MELO, 2009). O EPUB foi criado pela *International Digital Publishing Forum*, um consórcio de empresas formado pela Sony, Adobe, Microsoft, entre várias outras, que o adotaram formato padrão internacional para a produção de livros digitais. Contudo, para a nossa pesquisa, trata-se de um formato que ainda não alcançou a mesma popularidade do PDF, fato que influencia diretamente sobre os modos de produção de conteúdos digitais.

Vale ressaltar que, distintamente do que aconteceu com o mercado da música, que logo adotou o formato MP3 como padrão, no mercado de livros digitais é evidente a ausência de um padrão para o formato no qual as publicações são disponibilizadas. Procópio (2010) afirma que essa variedade de formatos, junto à também diversidade de *hardwares* e *softwares*, é um dos motivos do livro digital ainda não ter se tornado popular, assim como ocorreu com a música desde o início.



O autor chama atenção para a questão da interoperabilidade, isto é, a ausência de “diálogo” entre formatos, máquinas e aplicativos de leitura.

Tabela 4 – Qual(is) formato(s) de arquivos você conhece e utiliza na leitura de livros digitais?

PDF	81,9%
EPUB	27,1%
MOBI	7,6%
Não sei responder	2,8%
AZW	1,4%
LIT	0%

A quinta questão (Tabela 5) procurou saber qual(is) os equipamento(s) utilizados pelos informantes para a leitura de livros digitais. Em primeiro lugar, com 74,3%, tivemos o computador, nos seus modelos desktop, notebook ou netbook. Em nossa pesquisa (MACEDO, 2014), pudemos verificar o desconforto gerado dos dispositivos não inteiramente adequados à leitura de conteúdos digitais. O computador pressupõe o seu uso na posição sentada, provocando dores de coluna e desestimulando o progresso da leitura. Associamos esse fato à dimensão da ritualidade, tal qual definimos anteriormente. É comum a fruição de livros impressos em poltronas, sofás, camas, filas, salas de espera, enfim, a partir de uma diversidade de espaços que não se adequam à presença do computador. O segundo colocado na lista, o Tablet, com 34,7%, talvez seja uma alternativa apropriada, visto que possibilita uma maior mobilidade do usuário. Do mesmo modo, os Smartphones (33,3%) vêm preencher esse espaço. Entretanto, a diversidade de funções desses aparelhos, entre elas, o acesso à internet, é responsável por uma dispersão do leitor, que a todo instante tem a sua atenção voltada a outras ações no mesmo dispositivo. Os leitores eletrônicos ocupam a última posição (10,4%). Julgamos que essa colocação é devida a falta de populares desses dispositivos, seja pelo preço, seja pelo fato de serem aparelhos de leitura dedicados, isto é, possuem a única função de servir como dispositivo de leitura, o que talvez os tornem menos atraentes que os tablets e os smartphones.

Tabela 5 – Qual(is) equipamento(s) utiliza para a leitura de livros digitais?

Computador (desktop, notebook ou netbook)	74,3%
Tablet	34,7%
Smartphone	33,3%
Leitores eletrônicos (Kindle, Sony Reader, Alfa Positivo, Kobo, NOOK)	10,4%

Quanto às formas de acesso aos livros digitais (Tabela 6), a maioria (56,3%) aponta o acesso gratuito como a principal modalidade. Logo em seguida, com 20,1%, está o grupo daqueles que fazem o download gratuito, mas de forma ilegal, contrariando a Lei de Direitos Autorais brasileira (Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998). Os livros digitais cedidos por amigos ou colegas, independente da origem, constituem o acesso de 6,9% dos entrevistados. O que ressaltamos é o baixo percentual de pessoas que possuem o hábito de comprar livros digitais (2,8%). Nesse sentido, parece-nos consenso apontar que o livro digital está associado ao não pagamento do seu conteúdo. Poderíamos supor que a imaterialidade do livro digital remete à ideia de que não há um produto à venda, apenas informações (conteúdo) que devem ser disponibilizadas gratuitamente, assim como as várias outras informações que obtemos por meio da internet.

Tabela 6 – Qual a sua principal forma de acesso a livros digitais?

Download gratuito	56,3%
Download pirata	20,1%
Cedidos por colegas/amigos	6,9%
Comprei	2,8%

Na Tabela 7, podemos verificar a prática da impressão de textos considerados extensos demais para a leitura em tela. A maior parte (56,9%) declarou que não tem esse hábito, enquanto 29,2% fazem a impressão dos textos. Esse último índice nos leva a pensar que ainda há uma parcela considerável do público que não tem a facilidade de leitura em tela. Isso vem corroborar o resultado da questão acerca do principal obstáculo para a leitura em equipamentos eletrônicos (Tabela 8). Nesse quesito, 32,6% dos respondentes apontaram o desgaste da vista, nos casos de leitura em telas que emitem luz, como a principal barreira para fruição de livros digitais. A limitação de oferta de



títulos em português também se destaca, com 22,2%, o que leva a crer que, no momento da pesquisa, as editoras brasileiras ainda não faziam um investimento em títulos em formato digital que suprisse a necessidade dos seus leitores. A dificuldade de concentração, nos casos de uso de dispositivos com outras funções além da leitura como tablets ou celulares, também é tida como um outro obstáculo, somando 13,2% das respostas. Isso aponta para o fato de que a leitura de livros digitais é feita, na maioria das vezes, em aparelhos com multifunções, e não em leitores de livros dedicados, cujo objetivo é tão somente a leitura. O preço dos leitores eletrônicos e/ou tablets definem o próximo obstáculo, com 9%. Desse modo, sugerimos que os valores cobrados por esses aparelhos não eram convidativos aos nossos leitores no período da pesquisa, fazendo-os optar ainda por versões impressas de livros.

Tabela 7 – Tem o hábito de imprimir livros digitais que considera extensos demais para leitura na tela?

Não	56,9%
Sim	29,2%

Tabela 8 – Qual o principal obstáculo para a leitura em equipamentos eletrônicos?

O desgaste da vista, nos casos de leitura em telas que emitem luz	32,6%
A limitação de oferta de títulos em português	22,2%
A dificuldade de concentração, nos casos de uso de dispositivos com outras funções além da leitura como tablets ou celulares	13,2%
O preço dos leitores eletrônicos e/ou tablets	9%
Outros	6,3%
A falta de mobilidade, nos casos da leitura em computadores de mesa	2,8%

Por fim, nossa pesquisa dedicou-se a investigar qual a principal vantagem da leitura em equipamentos eletrônicos (Tabela 9). A parcela mais significativa (36,8%) apontou que a mobilidade é o ponto que mais chama a atenção. A facilidade no transporte de títulos, que elimina a cena em que o sujeito se sobrecarrega de livros em bolsas, em mochilas e nas mãos, foi vista como a grande novidade desses produtos. Ao lado dessa vantagem, está a memória, com 20,8%, a qual vincula-se à mobilidade, uma vez que maior memória permite o armazenamento de um maior número de títulos, facilitando o transporte. Os mecanismos de busca textual vêm logo em seguida, com



16%. Essa é uma característica muito útil para quem faz pesquisas, uma vez que facilita a localização de informações em meio à grande quantidade de informação.

Tabela 9 – Qual a principal vantagem da leitura em equipamentos eletrônicos?

Mobilidade (facilidade no transporte de títulos)	36,8%
Memória (poder armazenar inúmeros títulos num mesmo suporte)	20,8%
Mecanismos de busca textual	16%
Outros	12,5%

4 Conclusões

A partir das respostas apresentadas, podemos apresentar algumas conclusões, quando relacionamos esses dados com as dimensões de análise apresentadas no aporte teórico deste artigo. Essas reflexões são realizadas de maneira a vislumbrar discontinuidades do livro impresso frente ao digital. Essa proposta visa pensar o livro em suas rupturas com o advento de novas tecnologias da comunicação.

Primeiramente, podemos notar uma quebra da ritualidade, até então realizada com o livro impresso, quando 56,9% afirmam não ter o hábito de imprimir livros digitais que consideram extensos demais para leitura na tela. Desse modo, temos uma nova ritualidade do livro, agora lido em tela, provocando desgaste de visões e dividindo espaço com outras atividades realizadas na internet como pesquisas e usos de redes sociais. A leitura individual e concentrada dá lugar a uma leitura permeada por intervenções promovidas pelo acesso à internet. Essas intervenções podem promover aprofundamentos de questões elaboradas a partir do livro, como também podem superficializar a leitura, fazendo-a competir com outras tarefas.

Por sua vez, a simbologia do livro digital, enquanto objeto relativo ao conhecimento e a erudição é deslocada no momento em que leitores não se propõem mais a pagar pelo objeto digital, oferecendo a este um outro caráter. O livro digital se coloca como mais um produto provindo da internet, em que grande parte do seu conteúdo é posto de forma gratuita a qualquer interessado. A lógica da compra e venda se desmonta quando pensamos em um produto virtual que carece de materialidade para que possa comportar um valor de troca.

Já acerca da materialidade e da forma, podemos apontar a mobilidade, vista com principal vantagem da leitura em equipamentos eletrônicos, como a característica



do livro digital que vem romper com as dimensões da materialidade e da forma, se vista em comparação com o livro impresso. Se antes, o “corpo” do livro conformava os meios de transportes (pequenos livros, mobilidade fácil; grandes livros, mobilidade difícil), com os novos suportes de leitura, criam-se outras possibilidades de transporte, agora facilitadas, independente da forma do objeto de leitura.

Além dessas conclusões, devemos ressaltar, como resultado desta pesquisa, as mudanças nas diretrizes da EDUFRN, no que concerne ao livro digital. Conforme explicitado anteriormente, os dados foram apresentados durante o Fórum para uma política do livro digital da Editora da UFRN, realizado em 2013.

Como fruto dessa discussão, em 22 de julho de 2014, foi instituída a nova Política Editorial da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Resolução n° 139/2014-CONSEPE), à qual estão subordinadas as atividades e ações da EDUFRN. Destacamos o que está previsto em seu parágrafo único do artigo 2°:

Todas as publicações impressas, de acordo com as capacidades técnicas da EDUFRN, terão versão digital disponibilizada pelo Repositório Institucional da UFRN⁶, publicada a partir de seis meses da data de sua edição impressa, salvo impedimento formal expresso pelo seu autor ou organizador e procurarão atender todos os usuários, conforme as políticas de avaliação e acessibilidade da UFRN.

Desse modo, vemos que a EDUFRN adotou uma política de livre acesso aos seus produtos digitais. Essa ação provém não apenas da característica do leitor, que espera um livro sem custos, mas também considera o conhecimento produzido na universidade como subsidiado por investimentos públicos.

Ao fim, observamos que a pesquisa resultou em ações práticas da instituição que a empreendeu, levando-nos a concluir que o conhecimento sobre um novo produto, o qual leva à constituição de um novo público, será bastante útil para a elaboração de estratégias de produção e distribuição. Contudo, o tema não se esgota, visto que o livro digital acompanha as céleres mudanças do ambiente tecnológico em que vivemos, necessitando, assim, contínuo acompanhamento do seu percurso de introdução no campo editorial e de apropriação por parte dos leitores.

⁶ O Repositório Institucional reúne a produção intelectual da comunidade universitária (docentes, técnicos e alunos de pós-graduação) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Sua missão é armazenar, preservar e disponibilizar na Internet, textos completos de acesso livre. Endereço: <<http://repositorio.ufrn.br>>.



Referências

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Trad. Mary Del Priore. Brasília: Editora da UnB, 1994.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MACEDO, Helton Rubiano de. **Das estantes para a tela**: práticas de universitários leitores de livros impressos e digitais. Natal: EDUFRN, 2014.

MELO, Eduardo. **ePub**: conheça o padrão internacional para e-books. Postado em: 26 jun. 2009. Disponível em: <<http://editoraplus.org/blog/epub-conheca-o-padrao-internacional-para-e-books>>. Acesso em: 6 out. 2011.

PROCÓPIO, Ednei. **O livro na era digital**: o mercado editorial e as mídias digitais. São Paulo: Giz Editorial, 2010.

RUBIANO, Helton. **Ensaio de editor**: pensando livros, projetos e práticas. Natal, RN: EDUFRN, 2015.